

Artigo Original

AVALIAÇÃO DE ESTADO E TRAÇO DE ANSIEDADE EM PARATLETAS DE RUGBY EM CADEIRA DE RODAS

Tiago Botti Castelo, Raphael Pereira¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo avaliar o perfil de estado e traço de ansiedade em paratletas de Rugby em cadeira de rodas. O estudo envolveu 10 paratletas, do sexo masculino, com faixa etária entre 26 e 53 anos, praticantes de Rugby em cadeira de rodas do time do Instituto Reabilitacional e Esportivo para Deficientes Físicos do Espírito Santo – IREFES. Utilizou-se a versão em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger et al. (1970), traduzido por Biaggio e Natalício (1979) para a coleta de dados e da estatística descritiva com a utilização de recursos de tabela e gráficos para a análise dos resultados da escala de medida. Verificaram-se nível médio (n=8; 90%) e alto (n=1; 10%) para ansiedade estado, enquanto que para ansiedade traço foram encontrados níveis baixo (n=1; 10%), médio (n=1; 80%) e alto (n=1; 10%) de acordo com o escore IDATE. Conclui-se que a média geral de ansiedade estado e traço da equipe de Rugby em cadeira de rodas do IREFES foi de 39 e 35 pontos, respectivamente. Nesta perspectiva, tem-se que o nível de ansiedade encontra-se como intermediário para a referida escala IDATE e que as diferenças encontradas tanto para ansiedade estado (A-Estado) quanto para traço (A-Traço) não foram discrepantes em relação com o que se observa na literatura.

Palavras-chave: Ansiedade. Rugby em Cadeira de Rodas. Paradesporto.

ABSTRACT

This study aimed to evaluate the status and trait profile of anxiety in wheelchair Rugby parathletes. The study involved 10 male para-athletes, aged between 26 and 53 years, who practiced Rugby in a wheelchair on the team of the Instituto Reabilitacional e Esportivo for the Physically Handicapped of Espírito Santo – IREFES. The Portuguese version of the State-Trait Anxiety Inventory (STAI) by Spielberger et al. (1970), translated by Biaggio and Natalício (1979) for data collection and descriptive statistics using tables and graphs to analyze the results of the measurement scale. There were medium (n=8 - 90%) and high (n=1; 10%) levels for state anxiety, while for trait anxiety, low (n=1; 10%), medium (n= 1; 80%) and high (n=1; 10%) according to the IDATE score. It is concluded that the general mean of state and trait anxiety of the IREFES Wheelchair Rugby team was 39 and 35 points, respectively. In this perspective, the level of anxiety is found to be an intermediary for the referred IDATE scale and that the differences found for both state (A-State) and trait (A-Trait) anxiety were not discrepant in relation to the that is observed in the literature.

Keywords: Anxiety. Wheelchair Rugby. Parasport.

1. Curso de Educação Física – Faculdade Estácio de Vitória, FESV, Brasil.

Endereço para correspondência

Rua Herwan Modenesi
Wanderlei, Quadra 6, Lote 1
29090-350 Jardim Camburi,
Vitória, ES

E-mail

tiagobotti@gmail.com
raphael.pereira@estacio.br

INTRODUÇÃO

A deficiência, em suas diversas manifestações, tem-se revelado um assunto amplamente propagado e integrado no cenário mundial. Segundo as Nações Unidas, em seu relatório sobre deficiência e desenvolvimento, cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo possui algum tipo de deficiência (UN, 2018). No Brasil, em uma nota de revisão divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mostrou que quase 13 milhões de pessoas são deficientes, sendo destas, mais de 290.000 com alguma deficiência motora (IBGE, 2018). Seguindo esse contexto, a integração das pessoas com deficiência às atividades físicas e práticas desportivas demonstram ser uma ferramenta substancial (ZUCHETTO; CASTRO, 2002; GORGATTI; COSTA, 2008), tendo em vista que estas têm por objetivo a qualidade de vida e saúde.

O esporte e as atividades físicas adaptadas, segundo Adams et al. (1985), tiveram ascensão e maior relevância a partir do final da II Guerra Mundial, onde milhares de veteranos de guerra haviam se reunido a tantos outros portadores de deficiência, havendo assim a necessidade de desenvolver ações que corroborassem para uma reabilitação física, emocional, social e psicológica.

O paradesporto, para Araújo, Silva e Calegari (2012, p. 11), configura-se como sendo “as modalidades esportivas praticadas em eventos promovidos pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e os Nacionais, vinculados a ele como o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)”. Nesse sentido, dentre as mais de vinte modalidades desenvolvidas pelo CPB, o Rugby em Cadeira de Rodas (RCR) aparece cada vez mais em destaque e vem sendo progressivamente difundido dentre os paradesportos que possuem como característica a deficiência motora.

O RCR é uma modalidade coletiva que surgiu no Canadá por volta da década de 1970 com a fundamentação de se obter uma alternativa para o basquete em cadeira de rodas. O Murderball, como era chamado, se tornou então o RCR e é desenvolvido por atletas tetraplégicos de ambos os gêneros (IWRF, 2012). No Brasil, essa

modalidade chegou em 2005, porém apenas em 2008 se tornou realmente organizada a partir da criação da Associação Brasileira de Rugby em cadeira de Rodas – ABRC (SANT’ANA; PRATES, 2012).

Assim como em todas as práticas esportivas, em que o atleta experimenta o ambiente de competição, onde este gera demanda e exigência por resultados e desempenho, no paradesporto também há essa correlação. Ante o exposto, Samuski et al. (2004) retratam que as conquistas derivadas da competição estão relacionadas, não somente as condições físicas, táticas e técnicas, como também ao controle das variáveis psicológicas. Já Cardoso (2011) evidencia que a busca da qualidade de vida tem levado muitas pessoas com deficiência às práticas desportivas, objetivando o estímulo das suas capacidades e o bem-estar físico e psicoemocional.

Nessa concepção, existem vários fatores que podem intervir na performance esportiva do atleta, tanto de forma negativa quanto positiva (BOMPA, 2002). Dentre os mais evidentes desses fatores, destacam-se a concentração, o estresse, a motivação e a emoção (FIGUEIREDO, 2000). Posto isto, a ansiedade, que está relacionada diretamente com a emoção, constitui um importante papel, associada à psicologia do esporte, para a avaliação e compreensão desse fenômeno nos diversos ambientes à qual o contexto esportivo está inserido.

Dessa forma, esse estudo se justifica, visto que diante da exposição dos atletas em relação às eventualidades dentro do cenário esportivo, seja ele de treinamento e/ou competição, tendem a apresentar um aproveitamento intermitente diante de situações confrontantes. E, sendo assim, a compreensão e entendimento da avaliação de fatores emocionais, como a ansiedade, por parte dos profissionais de educação física, psicologia do esporte e demais áreas correlatas, se tornam ainda mais relevantes para o progresso dos atletas e das equipes.

Com isso, o objetivo da pesquisa será avaliar o perfil de estado e traço de ansiedade em paratletas de Rugby em cadeira de rodas.

RUGBY EM CADEIRA DE RODAS: CONTEXTUALIZAÇÃO

O Rugby em cadeiras de rodas (RCR) é um paradesporto coletivo que surgiu na década de 1970 em Winnipeg, Canadá, por um grupo que buscava alternativas para a prática esportiva além do basquete em cadeira de rodas. A perspectiva era a de criar um esporte no qual admitisse que seus praticantes com funções reduzidas pudessem participar de forma igualitária (IWRF, 2012).

Em 1995, houve então o primeiro Campeonato Internacional de RCR na Suíça. Já no ano seguinte, o esporte foi incluído como demonstração nas Paraolimpíadas de Atlanta e apenas nas Paraolimpíadas de Sidney, em 2000 na Austrália, que o RCR foi reconhecidamente disputado com medalhas (IWRF, 2012). O RCR como esporte paralímpico é regido em âmbito nacional pelo Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. Este que foi criado em 1995 e possui grande relevância na organização e realização de atividades e eventos que proporcionem a difusão, participação e avanços do paradesporto nacional.

Todavia, foi no ano de 2005, segundo Sant’ana e Prates (2012), que o RCR oficialmente chegou ao Brasil através de uma apresentação nos Jogos Mundiais de Cadeira de Rodas e Amputados. Essa competição, que é considerada a mais antiga no calendário do paradesporto mundial, contou com a presença da Federação Internacional de Esportes em Cadeira de Rodas de Stoke Mandeville (ISMWSF) e também da Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD) - instituições que são precursoras do esporte adaptado e fundadoras do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC).

Em 2008, fundou-se a Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC), instituição sem fins lucrativos com o propósito de apresentar, organizar, desenvolver e difundir o esporte em âmbito nacional, tendo o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) como parceiro (SANT’ANA; PRATES, 2012). Atualmente, também filiada a International Wheelchair Rugby Federation (IWRF), a ABRC realiza campeonatos anuais com suas federações filiadas e busca incentivos ao desenvolvimento de novas equipes e difusão do esporte (ABRC, 2016).

Num contexto geral, o RCR possui mais de quarenta países adeptos e tantos outros com um trabalho ativo de divulgação e desenvolvimento de programas que visam à difusão e integração desse esporte (IWRF, 2012).

Características da modalidade

O RCR é um paradesporto com características próprias e regras bem definidas, sendo disputado tanto por homens e mulheres, não havendo assim divisão de gênero. Quanto aos parâmetros para poder praticar o RCR, este poderá ser realizado por indivíduos com uma deficiência que afete os braços e as pernas (amputações e lesão medular com paralisia total ou parcial), podendo também o indivíduo pertencer a outro grupo de deficiência que inclui paralisia cerebral, distrofia muscular, poliomielite e outras condições neurológicas (IWRF, 2012). Nesse contexto, os praticantes dessa modalidade recebem uma classificação funcional para estar apto à prática esportiva.

A classificação funcional é uma seção constituinte do esporte para pessoas com deficiência. No RCR e em qualquer outro paradesporto, a classificação funcional tem por objetivo assegurar que a competição seja de forma igual e coerente em todos os âmbitos do esporte, a fim de proporcionar aos atletas competirem em alto nível e independente das diferenças próprias na função física. Para tanto, a classificação no RCR é dividida em sete classes (0.5, 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0 e 3.5) e ocorre levando em consideração as várias funções musculares e as habilidades ao manusear tanto a cadeira quanto a bola (IWRF, 2011).

Considerando ainda a classificação funcional, percebe-se que há uma relação diretamente proporcional, onde quanto menor a classificação funcional, menor será a capacidade de manuseio e habilidades e, quanto maior a classificação, maior será a capacidade de manuseio e habilidades. Destaca-se ainda que numa partida de RCR a soma das classes funcionais dos paratletas em quadra não podem ultrapassar 8 pontos e, para cada mulher em quadra, a equipe poderá acrescentar 0.5 ao limite de pontos (ABRC, 2016).

As equipes no RCR são formadas por quatro jogadores cada, onde os mesmos disputam

para levar a bola através da linha de gol do time oponente. A partida em si é jogada em quadra com dimensões equivalentes a uma quadra de basquete de tamanho regular (28mx15m) e a bola utilizada é correspondente a uma bola de vôlei (IWRF, 2012). Para tanto, uma partida é disputada em quatro períodos com 8 minutos de duração cada, e leva-se em consideração o somatório da classificação funcional de cada atleta em quadra (CAMPOS et al., 2013).

Em relação aos equipamentos que são utilizados no RCR, Campana et al. (2012, p. 749) relatam que:

As cadeiras específicas para o RCR são as ideais para a prática do esporte, por oferecem maior segurança e desempenho no jogo. As cadeiras de rodas são divididas em 2 tipos: as cadeiras de ataque e as cadeiras de defesa. Outros materiais do jogador importantes são: faixas para fixar o jogador a sua cadeira; luvas para proteger suas mãos e protetores de raios - para evitar que alguém se machuque ficando com alguma parte do corpo presa entre os raios das rodas (CAMPANA et al., 2012, p. 749).

No que se referem às regras que regem esse esporte, estas são bem definidas e compostas pela Federação Internacional de Rugby em Cadeira de Rodas – IWRF. A composição trata de aspectos relacionados às especificidades necessárias para a prática do esporte tendo como seções os equipamentos, regulamentos, violações, faltas, penalidades, entre outros. Dentre as regras específicas temos, por exemplo, que cada equipe possui 40 segundos para marcar um gol durante o ataque; os atletas não podem ter contato corporal, porém o embate entre as cadeiras é permitido; caso no fim do último período as equipes estejam empatadas com o mesmo número de gols, será atribuído um tempo extra até que haja uma equipe vencedora; entre outras regras (IWRF, 2015).

Diante de todas essas condições em que o jogo de RCR acontece, algo permitido e inevitável ocorre: o contato. Este, que para muitos pode ser até assustador, na verdade “são fundamentais para a estratégia das equipes e garantem boa parte da adrenalina de praticar ou assistir uma partida” (BAETA, 2016). Dessa maneira, o contato e/ou colisões, que conforme dito, não somente é

permitido como integra o esporte, uma vez que os praticantes utilizam as cadeiras tanto para obstruir quanto para prender os adversários (IWRF, 2012).

Deste modo, o RCR é um paradesporto considerado atualmente como uma das principais modalidades paralímpicas devido ao dinamismo do jogo e segundo a IWRF e a ABRC, uma das modalidades que possui significativa progressão dentre países filiados e tantos outros expectadores (CAMPOS et al., 2013).

ANSIEDADE: CONCEITOS

A ansiedade pode ser caracterizada como a manifestação de um fenômeno comum a todos os seres humanos, ocasionada pelas interações que antecipam uma situação que desencadeia sucessivas reações fisiológicas e emocionais. Segundo Weinberg e Gould (2017), a ansiedade é uma condição emocional cujo reflexo está relacionado ao comportamento de agitação psíquica ou do próprio corpo. Já para Lundin (1977), a ansiedade é a evidência da ampliação da atividade motora, sendo caracterizada com o aumento do rigor motor. Em ambos os trechos, observa-se que, as funções fisiológicas são fatores inteiramente correlacionados às questões que envolvem a ansiedade.

Para Spielberger (1972), as condições dos fenômenos emocionais no organismo humano e a sua disposição complexa são as características que compõem e determinam a ansiedade. O autor ainda ressalta que esta se difere de outros aspectos emocionais como o medo, estresse e entre outros aos quais existe a associação de causa. Já em relação entre as particularidades e classificações da ansiedade, Weinberg e Gould (2017) apresentam as seguintes componentes denominando-as como: cognitiva e somática. Esta sendo relatada como o grau de ativação física e aquela como uma componente relacionada à preocupação e apreensão.

Davidoff (2001) define ansiedade sendo uma emoção atribuída pela sensação precedente de perigo, tensão e inquietação e propensão à fuga de situações diversas. Acrescenta ainda que sinais como: batimentos cardíacos acelerados, tremores, transpirações, dor no estômago, pulso

rápido e musculatura contraída são sintomas característicos da ansiedade. Já em outra concepção metodológica, Gould e Krane (1992) trouxeram uma descrição para ansiedade como sendo o resultado da relação de efeito emocional ou dimensão cognitiva da ativação.

A consistência da análise que envolve os critérios que explicam e determinam a ansiedade são amplas dentre as diversas referências dentro da literatura. Sobretudo, há a unanimidade na relação contextual de que fatores emocionais estão diretamente interligados a esse fenômeno emocional. Assim sendo, o estudo das suas características se torna de grande relevância para a compreensão e avaliação em diversas áreas de conhecimento.

Ansiedade e o contexto esportivo

É reconhecido o conhecimento de que a relação entre a ansiedade e o esporte é proveniente da interação psicoemocional do ser humano (atleta) em meio a diferentes fatores, situações e combinações destes, dentro das diversas práticas esportivas. Tão grande é a complexidade para a determinação do surgimento da ansiedade em atletas que Weinberg e Gould (2017) retratam seis teorias (a Teoria do Impulso, a Teoria do U Invertido, a Teoria IZOF, a Teoria da Ansiedade Multidimensional, a Teoria da Catástrofe e a Teoria da Inversão) que visam esclarecer tal fenômeno.

Seguindo nessa perspectiva desportiva, Singer (1977) descreve que a ansiedade é expressa através das características particulares do atleta e na qual se manifesta por conta de situações específicas e diversas dentro de um cenário esportivo. Paralelamente, Cruz (1996) descreve que a ansiedade é experimentada diante de uma situação-resposta às ações desenvolvidas durante treinos preparatórios e em competições propriamente ditas.

Tendo em vista o cenário de competição, Boutcher (1990) discorre que, em competições, o nível de ansiedade pode afetar de forma direta não somente a atividade psicológica como também o desempenho. Considerando esse contexto, “é comum ouvir relatos de atletas onde há uma percepção da performance sendo afetada

pelo que chamam ansiedade ou excitação antes e durante as competições” (RÚBIO, 1999).

Dentre os aspectos os quais a ansiedade está inserida ao esporte, o desempenho dos atletas é um dos fatores mais observados quanto à natureza não somente individual, mas também sobre o caráter coletivo. Sob esse entendimento, Cruz (1989) diz que seus efeitos se diversificam quanto ao desempenho, devido à avaliação e categorização, em virtude dos níveis que cada modalidade esportiva exige.

A abordagem da relação entre ansiedade e o desempenho esportivo dos atletas tem chamado a atenção para diversos estudos e pesquisas. Isto ocorre por conta de que os fatores psicológicos são umas das razões comumente relacionadas para a argumentação referente a resultados abaixo do esperado (GOMES; CRUZ, 2001). Seguindo essa concepção, Moraes (1990) relata que os níveis elevados de ansiedade podem alterar a percepção ao redor do atleta, podendo causar erros em instantes cruciais.

Maraviesky, Calegari e Gorla (2007), em um estudo com 18 atletas do sexo masculino e com faixa etária entre dezenove e cinquenta anos de idade, diagnosticaram o nível de ansiedade-traço e pré-competitiva desses atletas praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. Os autores concluíram que os altos níveis de ansiedade-traço não significaram que os resultados nas competições esportivas não foram proveitosos, pois oscilações desse nível podem levar o atleta a garantir um bom desempenho.

Em outro estudo, com 42 atletas com deficiência e de modalidades diversas (natação, atletismo de pista e de campo, maratona e usuários de cadeira de rodas), Ferreira et al. (2007) analisaram a ansiedade pré-competitiva em nível nacional e nas provas nacionais para os Jogos Paralímpicos. A conclusão do estudo demonstrou que os atletas apresentaram ansiedade cognitiva e somática em níveis maiores que atletas de nível internacional, entretanto a ansiedade-estado diminuiu progressivamente conforme a competição se aproxima.

Já Araújo et al. (2013) propuseram um estudo para comparar o nível de ansiedade de traço-estado com o tipo de deficiência, tempo de prática na modalidade e número de vitórias nas

competições de atletas participantes do Campeonato Brasileiro de Goalball. O estudo concluiu que não houve associação entre o tipo de deficiência e a ansiedade traço-estado, mas em relação ao tempo de prática, tanto atletas menos experientes quanto os mais experientes apresentaram alto nível da mesma.

Na esfera da ansiedade quanto pesquisa, há a exposição de diversos contextos literários que a caracterizam como sendo algo que contribua para o transtorno em relação ao desempenho dos atletas. Entretanto, outros estudos revelam que a sua análise e compreensão fazem com que o efeito psicológico produzido nos mesmos seja atenuado. Dessa forma, a ansiedade se apresenta como um importante tema a ser cada vez mais desenvolvido dentro do esporte e em seus diversos campos de atuação.

Ansiedade Estado

O estado de ansiedade (A-Estado), segundo Spielberger (1966, p. 363), é “caracterizado por sentimentos subjetivos de apreensão e tensão, conscientemente percebidos, acompanhados por ou associados com ativação ou excitação do sistema nervoso autônomo”. Para Weinberg e Gould (2017, p. 72), o (A-Estado) caracteriza-se sendo correspondente ao “componente de humor em constante variação”.

Nas variadas situações que são evidenciadas pelos atletas no esporte, as características emocionais são uma das que mais se destacam. Nessas circunstâncias, o (A-Estado) é impulsionado quando há a percepção de ambientes desafiadores e ameaçadores.

Ansiedade Traço

O traço de ansiedade (A-Traço), diferentemente do (A-Estado), corresponde à personalidade do indivíduo e possui disposição com relação à influência comportamental do mesmo (WEINBERG; GOULD, 2017). Segundo Spielberger (1989), o (A-Traço) se refere a diferenças individuais quanto à distinção na percepção de estresse em determinadas situações de perigo ou ameaça, relacionando com a resposta de reação comparada ao (A-Estado).

Tendo uma consideração numa perspectiva competitiva, segundo Weinberg e Gould (2017), indivíduos com altos índices de (A-Traço) tendem a possuir maior (A-Estado) em cenários avaliativos e competitivos se comparados a indivíduos com índices de (A-Traço) menor.

METODOLOGIA

A pesquisa envolveu 10 paratletas, do sexo masculino, com faixa etária entre 26 e 53 anos, praticantes de Rugby em cadeira de rodas do time do Instituto Reabilitacional e Esportivo para Deficientes Físicos do Espírito Santo – IREFES. Ressalta-se que todos os voluntários treinam há aproximadamente sete anos e possuem rotina semanal de exercícios físicos em academia, sendo estes realizados duas vezes por semana com duração de aproximadamente 50 minutos, e treino (técnico e tático) em quadra, também realizados duas vezes por semana com duração total de 3 horas.

Para tanto, todos os voluntários leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a participação na pesquisa e foram informados em relação aos procedimentos da coleta de dados.

Para a realização da coleta de dados utilizou-se a versão em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger et al. (1970), traduzido por Biaggio e Natalício (1979). O IDATE dispõe de duas escalas diversas: uma relacionada para a identificação do traço e outra para o estado de ansiedade. Para cada escala há 20 questões nas quais as probabilidades de respostas irão variar de 1 a 4, sendo: 1 – absolutamente não; 2 – um pouco; 3 – bastante; e 4 – muitíssimo. Evidencia-se que todos os voluntários foram instruídos a ler cada questão e evidenciar a resposta que melhor preferir.

A totalidade dos valores alcançados através das respostas (score final) irá variar de 20 a 80 pontos e condiz com o nível de ansiedade. Dessa forma, classificando-os como: baixo nível de ansiedade (20 a 30 pontos); médio nível de ansiedade (31 a 49 pontos); e alto nível de ansiedade (≥ 50 pontos). Com o intuito de se evitar a “tendência a aquiescência”, a pontuação das questões (1, 2, 5, 8, 10, 11, 15, 16, 19 e 20) no IDATE estado (IDATE-E) e as questões (1, 6, 7, 10,

13, 16 e 19) no IDATE traço (IDATE-T) foram invertidas. Dessa forma, as respostas assinaladas nessas questões como “1,2,3 ou 4” tiveram a formulação invertida para “4,3,2 ou 1”, respectivamente. Já as outras questões tanto do IDATE-E (3,4,6,7,9,12,13,14,17 e 18) e do IDATE-T (2,3,4,5,8,11,12,14,15,17,18 e 20) mantiveram suas pontuações sem alterações conforme a escala “1,2,3 ou 4”.

O IDATE foi aplicado aos voluntários por meio de uma entrevista realizada antes do treino em quadra e de forma individualizada. A aplicação ocorreu no dia 05 de outubro de 2021.

Após a realização da coleta de dados, a análise e apresentação dos mesmos ocorreram por intermédio da estatística descritiva e a utilização de recursos de tabelas e gráficos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir da coleta de dados, elaborou-se uma média geral a fim de identificar o referido nível quanto à ansiedade estado (A-Estado) e traço (A-Traço) do grupo de paratletas da equipe de Rugby em cadeira de rodas do IREFES. Para tanto, constatou-se uma média geral em relação ao escore IDATE de 39,7 e 35,4, respectivamente, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Média Geral e Desvio Padrão Ansiedade Estado – Traço da equipe de RCR do IREFES

PARATLETA (PA)	Soma escores (A-Estado)	Soma escores (A-Traço)
PA1	33	31
PA2	38	36
PA3	40	38
PA4	37	36
PA5	40	34
PA6	51	40
PA7	48	51
PA8	32	32
PA9	41	22
PA10	37	34
Média Geral	39,7	35,4
Desvio Padrão	5,96	7,35

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

Os resultados indicaram que há uma diferença de 4,3 na pontuação entre os resultados das médias gerais dentro da classificação IDATE. Tendo em vista que a classificação se dá no intervalo entre 20 e 80, mesmo com tal diferença, a análise demonstra uma posição intermediária na referida escala e indica um estado e traço de ansiedade equivalente à média. Quanto ao desvio

padrão, este se mostrou correspondente a uma amostra homogênea tanto para a A-Estado (DP= 5,96) quanto para A-Traço (DP= 7,35) em relação à média geral.

Outra evidência de análise verificada foi à média de idade dos paratletas participantes à qual se encontra em 39,2 anos. Segundo Brandão e

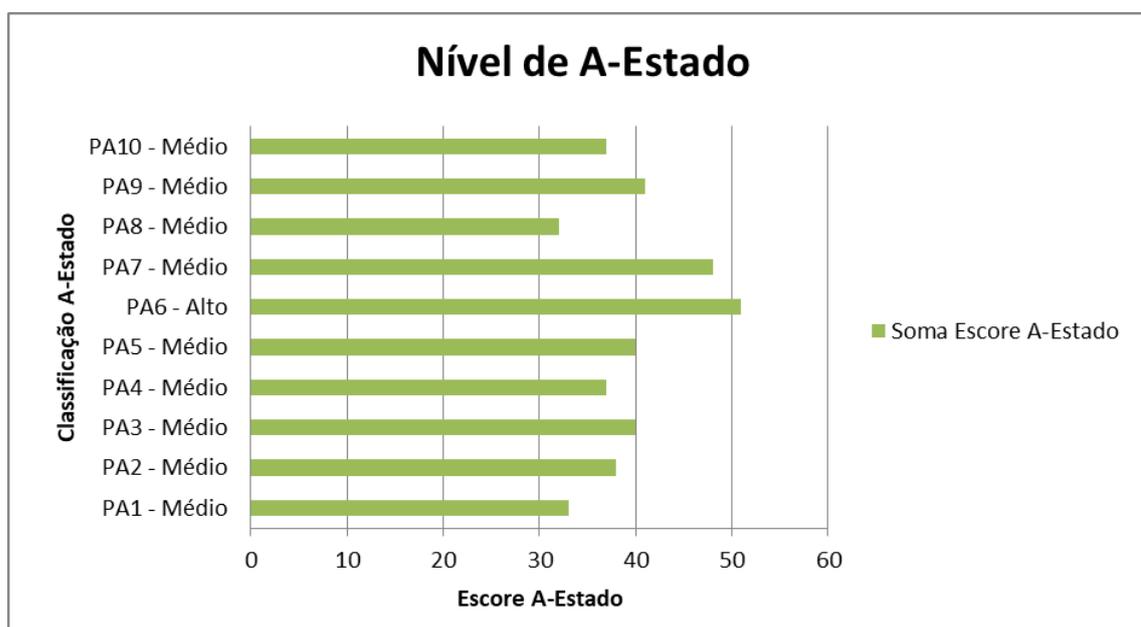
Machado (2007), atletas com mais experiência possuem maior autoconfiança em relação a atletas com menos experiência. Ainda sobre essa perspectiva, Lamas e Seabra (2017, p. 44) relatam que “jogadores experientes fazem uso de expectativas ou probabilidades situacionais para facilitar a antecipação no jogo”. Tais fatos podem ser evidenciados no presente estudo, uma vez que a equipe de RCR do IREFES já treina aproximadamente sete anos e assim apresentam uma vivência considerável no paradesporto, possibilitando um referencial no que diz respeito às variáveis psicoemocionais como a ansiedade.

Outro parâmetro de análise observado foi no que se refere à frequência de treinamento de (2x/sem) dos paratletas de RCR da equipe do IREFES, em relação aos distúrbios psicológicos/psicoemocionais. Sobre esse aspecto, Silveira et al. (2017), em seu estudo com 150 paratletas do sexo masculino de RCR com

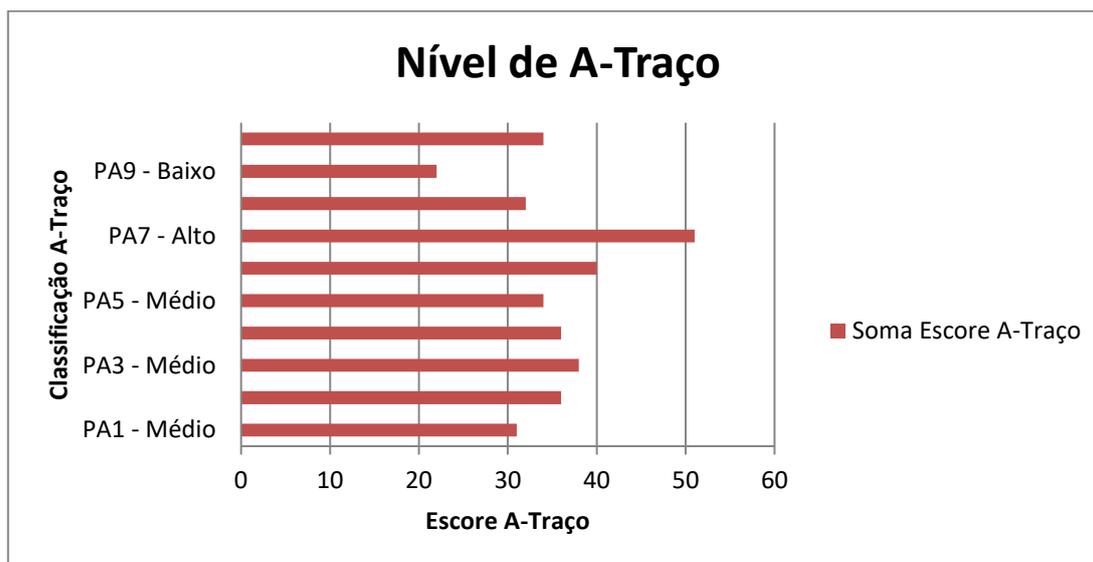
idade média de 35 anos, demonstraram que a prática de RCR duas ou mais vezes por semana, em relação a comparação com uma vez ou menos, infere em menores índices de tais distúrbios. Essa análise se torna de grande relevância, tendo em vista que a relação entre o comprometimento e o período dedicado ao paradesporto podem influenciar/afetar o estado psicológico/psicoemocional.

Já ao analisar de forma desassociada os resultados do IDATE-E e IDATE-T, constatou-se que para o primeiro há apenas um paratleta (10%) com nível alto (PA6) de ansiedade e o restante (90%) com nível médio (sendo o menor valor para o PA8) para tal variável psicoemocional, conforme demonstra o Gráfico 1. Já para o segundo, observou-se a presença de um paratleta (10%) com nível baixo (PA9) e outro (10%) alto (PA7), enquanto que os demais (80%) apresentaram nível médio para ansiedade, conforme Gráfico 2.

Gráfico 1 - Nível de Ansiedade Estado da equipe de RCR do IREFES



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Gráfico 2 - Nível de Ansiedade Traço da equipe de RCR do IREFES

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

De acordo com o Gráfico 1, onde apenas o PA6 apresentou um nível alto para A-Estado, segundo Weinberg e Gould (2017), altos níveis de reações de estado de ansiedade estão relacionados com elevado traço de ansiedade e baixa autoestima. Nesse cenário, Kolayis (2012) demonstrou em seu estudo com paratletas de basquete que autoestima e motivação são os melhores preditores de tais níveis correlacionados. Dessa maneira, isso nos sugere a proposta de novos estudos com o intuito de se investigar a participação de outras variáveis a fim de se obter uma maior compreensão desses parâmetros com relação à ansiedade.

Em relação ao Gráfico 2, onde se tem um paratleta com nível alto (PA7) para A-Traço, Spielberger et al. (1970) relatam que de uma forma geral indivíduos com altos níveis de ansiedade traço apresentam ascensões quanto à ansiedade estado mais constante do que tais com níveis baixos de ansiedade traço, por propensão a reagir a situações como perigosas ou ameaçadoras. Isso se verifica no presente estudo, tendo em vista que o PA7 apresenta nível de A-Estado próximo ao escore de classificação considerado "alto" para ansiedade no IDATE. Ainda nessa perspectiva, segundo De Rose Júnior (1997), um alto grau de A-Traço pode estar relacionado com fatores como: medo, experiência, responsabilidade, entre outros.

Observa-se ainda no Gráfico 2, que o paratleta (PA9) apresentou baixo nível de ansiedade no escore IDATE. Sob esse aspecto, Weinberg e Gould (2017, p. 78) relatam que "uma pessoa com elevado traço de ansiedade considera uma competição mais ameaçadora e geradora de ansiedade do que outra com traço de ansiedade mais baixo". Dessa forma, níveis mais baixos de A-Traço correlacionam-se com os níveis de ativação a qual o indivíduo estará exposto diante de determinadas situações de jogo.

Outra análise se dá quanto ao gênero e à característica coletiva do paradesporto de RCR, na qual a equipe do IREFES é representada por paratletas do sexo masculino. Sob esse aspecto, o estudo de Fernandes et al. (2013) demonstra que atletas masculinos possuem menor índice de ansiedade do que atletas do sexo feminino. O autor ainda relata que atletas de esportes individuais apresentam menor índice de ansiedade se comparado a atletas de modalidades coletivas. No entanto, outros autores, como Sari (2015) e De Pero et al. (2013) evidenciam em seus estudos que essa correlação quanto ao gênero não apresentou diferenças significativas.

Dessa forma, diante dos resultados apresentados, entende-se que a ansiedade num contexto geral, dentro das perspectivas expostas, não apresentou grande variação, percebendo-se apenas níveis diferenciados quando a

manifestação da análise se referiu de forma individual com cada paratleta de RCR.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos propostos, verifica-se que a média geral de ansiedade estado e traço da equipe de Rugby em cadeira de rodas do IREFES foi de 39 e 35 pontos, respectivamente. Nesta perspectiva, tem-se que o nível de ansiedade encontra-se como intermediário para a referida escala IDATE. Num contexto geral, as diferenças encontradas tanto para ansiedade estado (A-Estado) quanto para traço (A-Traço) não foram discrepantes em relação com o que se observa na literatura.

Considerando o objetivo do estudo, foi observado ao término do mesmo que a equipe de RCR do IREFES não possui um acompanhamento de seus paratletas em relação às variáveis psicológicas/psicoemocionais dentro de um contexto de preparação desportiva. Sendo assim,

sugere-se a importância da inserção de tais acompanhamentos com o propósito de trabalhar e desenvolver essas variáveis psicoemocionais a fim de um melhor favorecimento futuro de tais capacidades.

De forma a uma maior abordagem quanto à psicologia do esporte, sugere-se a realização de estudos futuros, sobretudo na área do paradesporto, com o intuito de compreender melhor as diversas manifestações apresentadas pelos paratletas em relação às variáveis psicoemocionais, como a ansiedade, autoestima, motivação, entre outras, em meio ao universo de competição. Ressalta-se ainda que, diante dessa perspectiva, a compreensão e o conhecimento da expressão da ansiedade e suas variáveis dentro do contexto esportivo, se torna de grande relevância para a geração de medidas eficazes que objetivem a um melhor desempenho e performance no que se refere ao ambiente desportivo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, R. C. et al. **Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.

ARAÚJO, P. F.; SILVA, R. F.; CALEGARI, D. R. O esporte adaptado no contexto da extensão universitária. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org). **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Rio de Janeiro: Junqueira e Martins, 2012.

ARAÚJO, N. D. et al. Ansiedade pré-competitiva em atletas do campeonato brasileiro de goalball. **Coleção Pesq. em Educ. Fís.**, Várzea Paulista, v. 12, n. 4, p. 57-66, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3gTYZbZ>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBI EM CADEIRA DE RODAS – ABRC. **Instituição**. Disponível em: <<https://bit.ly/3emRWpp>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

BAETA, M. **Rúgbi paralímpico: atenção especial com as cadeiras de rodas**. Rede Nacional do

Esporte, Rio de Janeiro, 28 de fev. de 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2Q1RHrD>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BIAGGIO, A. M. B.; NATALÍCIO, L. **Manual do IDATE**. Rio de Janeiro: CEPA, 1979.

BOMPA, T. O. **Periodização: Teoria e metodologia do treinamento**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2002.

BOUTCHER, S. The role performance routines in sport. In Graham, J. e Hardy, L. (Eds.). **Stress and Performance in Sports**. England: John Wiley & Sons Pub, p. 235-245, 1990.

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Teoria e aplicação**. Coleção Psicologia do esporte e do exercício. Vol. I. São Paulo: Atheneu, 2007.

CAMPANA, M. B. et al. O Rugby em Cadeira de Rodas: aspectos técnicos e táticos e diretrizes para seu desenvolvimento. **Motriz: rev. educ. fís.**, v.17, n. 4, p. 748-757, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/32G2kmu>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CAMPOS, L. F. C. C. et al. Rugby em cadeira de rodas: aspectos relacionados à caracterização, controle e avaliação. **Conexões**, Campinas, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 72–89, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3voT56P>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3bbDFLt>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

CRUZ, J. F. A. Stress, ansiedade e rendimento no desporto de alta competição. **Jornal de psicologia**, Braga, Portugal, v. 8, n. 4, p. 3-11, 1989. Disponível em: <<https://bit.ly/32Hi0G0>>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

CRUZ, J. F. A. Stress e ansiedade na competição desportiva: natureza, efeitos e avaliação. In: **Manual de Psicologia do Desporto**. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, p. 173-214, 1996.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 2001.

DE PERO, R. et al. The relationships between pre-competition anxiety, self-efficacy, and fear of injury in elite teamgym athletes. **Kinesiology**, v. 45, n. 1, p. 63-72, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3C4FUe7>>. Acesso em: 29 out. 2021.

DE ROSE JUNIOR, D.; VASCONCELLOS, E.G. Ansiedade-traço competitiva e atletismo: um estudo com atletas infante-juvenis. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 148-54, jul/dez, 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/30cmkzm>>. Acesso em: 28 out. 2021.

FERNANDES, M. G. et al. Fatores influenciadores da ansiedade competitiva em atletas Brasileiros. **Rev. Bras. Cineantropometria Desemp. Humano**, Ilhéus, v.15, n. 6, p. 705-14, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3H2it8O>>. Acesso em: 29 out. 2021.

FERREIRA, J. P. L. et. al. Precompetitive anxiety and self-confidence in athletes with disability. **Percept Mot Skills**, Missoula, USA, n. 105 , p. 339-46, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/3t5SBk9>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte: Interface, Pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GOMES, A. R.; CRUZ, J. F. A. A preparação mental e psicológica dos atletas e os factores psicológicos associados ao rendimento desportivo. **Treino Desportivo**, Lisboa, Portugal, III série, n. 16, p. 35-40, 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2RXTuyv>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada: Qualidade de Vida para pessoas com necessidades especiais**. São Paulo: Manole, 2008.

GOULD, D.; KRANE, V. The arousal-athletic performance relationship: Current status and future directions. In: T. S Horn (Ed.). **Advances in sport psychology**. Champaign IL: Human Kinetics, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2010**. Nota técnica 01/ 2018 - Releitura dos dados de pessoas com deficiência no Censo Demográfico 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington. Disponível em: <<https://bit.ly/3vSwjEp>>. Acesso em: 05 mai. de 2021.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR RUGBY FEDERATION – IWRF. **Laypersons Guide Classification**. Disponível em: <<https://bit.ly/2QOF5Vy>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR RUGBY FEDERATION – IWRF. **Introduction to Wheelchair Rugby**. Disponível em: <<https://bit.ly/3xk7Klw>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR RUGBY FEDERATION – IWRF. **International Rules for the Sport of Wheelchair Rugby**. Disponível em: <<https://bit.ly/3aUm0HW>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

KOLAYIS, H. Examining how wheelchair basketball players' self-esteem and motivation levels impact on their state and trait anxiety levels. **Biology of Sport**, v. 29; n.4, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3EV6NTk>>. Acesso em: 28 out. 2021.

LAMAS, L.; SEABRA, F. Estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas coletivas: conceitos e aplicação. In: De Rose Junior. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

LUNDIN, R. W. **Personalidade: uma análise do comportamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1977.

MARAVIESKI, A. L. M.; CALEGARI, D. R. C.; GORLA, J. I. Níveis de ansiedade-traço e pré-competitiva dos atletas com deficiência do basquetebol em cadeiras de rodas no campeonato paranaense. **Rev. Digital Efdeportes**. Buenos Aires, a. 11, n. 106, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2PEnWNe>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MORAES, C. Ansiedade e desempenho no esporte. **Rev. Bras. Cienc. Mov.**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 51-56, 1990. Disponível em: <<https://bit.ly/3gxpXpl>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

RÚBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicol. cienc. Prof.**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999. Disponível em: <<https://bit.ly/3gwwSPW>>. Acesso em: 14 abr. de 2021.

SAMUSLKI, D. M.; NOCE, F.; ANJOS, D. R.; LOPES, M. C. Avaliação Psicológica. In: MELLO, M. T. **Avaliação clínica e da aptidão física dos atletas paraolímpicos brasileiros: conceitos, métodos e resultados**. São Paulo: Atheneu, p. 147-157, 2004.

SANT'ANA, M. M. S. de; PRATES, R. História do Rugby em cadeira de rodas no Brasil. **Rev. Adapta**, Ilhéus, v. 8, n. 1, p. 32-38, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3xecCZb>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SARI, I. Does goal orientation matter for trait anxiety, self-efficacy and performance? An investigation in university athletes. **Education. Project Innovation**, v. 136, n. 2, p. 169-78, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/30hoxKa>>. Acesso em: 29 out. 2021.

SINGER, R.N. **Psicologia dos Esportes: mitos e verdades**. 2. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SILVEIRA, S. L. et al. Association among practice frequency on depression and stress among competitive US male wheelchair rugby athletes with tetraplegia. **Spinal Cord**, v. 55, n. 10, p. 957–962, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3GY6dpL>>. Acesso em: 28 out. 2021.

SPIELBERGER, C. D. The effects of anxiety on complex learning and academic achievement. In: SPIELBERGER, C. D. (Ed.) **Anxiety and behavior**. New York: Academic Press, p. 361- 398, 1966.

SPIELBERGER, C. D.; GORSUCH R. L.; LUSHENE R. E. **Manual for the state-trait anxiety inventory**. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1970.

SPIELBERGER, C. D. **Anxiety: cursive trends in theory and research**. New York: Academic Press, 1972.

SPIELBERGER, C. D. **Stait-Trait Anxiety Inventory: A comprehensive bibliography**. 2. ed. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1989.

UNITED NATIONS – UN. Department of Economic and Social Affairs. **Disability and Development Report - 2018**. Disponível em: <<https://bit.ly/3eulrXu>>. Acesso em: 05 mai. de 2021.

ZUCHETTO, A. T.; CASTRO, R. L. V. G de. As contribuições das atividades físicas para a qualidade de vida dos deficientes físicos. **Rev.**

Kinesis, Santa Maria, n. 26, p. 52-166, 2002.

Disponível em: <<https://bit.ly/2RTFtlk>>. Acesso em: 05 mai. de 2021.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.